

Freud e Schopenhauer: discussões em torno da originalidade na construção da teoria psicanalítica

Mateus de Freitas Barreiro

E-mail: mateusfbb@bol.com.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é estudar o germe da psicanálise de Freud em contato com a filosofia de Schopenhauer, colocando em evidência a possível influência deste autor na construção do escopo de conceitos que se interpolam na construção da teoria psicanalítica. Não se conhece com profundidade a influência filosófica sofrida por Freud no desenvolvimento de sua teoria. Para isso, é importante a realização de estudos sobre cada um dos filósofos conhecidos e utilizados por ele. Esta pesquisa investiga, em particular, em que solo a filosofia de Schopenhauer contribuiu para a formulação do que viria a ser o mecanismo de recalque, representando todo o edifício originário da psicanálise, do qual derivou a perspectiva de inconsciente na psicologia, que foi a maior contribuição à clínica freudiana.

Palavras-chave: inconsciente; vontade; recalque; loucura.

Abstract: This work intent to study the influence of Schopenhauer's philosophy on the Freud's psychoanalysis. We don't know deeply, at the present moment, every philosophical influence on Freud, to the development of his theory. Thus, it is important the realization of studies about everyone of the philosopher read by Freud and their contribution to the Freud's psychoanalysis. This research investigates the contribution of Schopenhauer's philosophy on the discovery of repression mechanism.

Key-words: unconscious; volition; repression; insanity.

O objetivo deste trabalho, que ainda se apresenta em grande parte como projeto de pesquisa, é estudar o germe da psicanálise de Freud em contato com a filosofia de Schopenhauer, colocando em evidência a possível influência deste autor na construção do escopo de conceitos que se interpolam na construção da teoria psicanalítica. Para focalizarmos os pontos de contato entre as concepções de tais pensadores, levantaremos questões que remetem ao nosso objetivo, em conjunto com os conceitos de ambos os pensadores.

Uma aproximação inicial a esse objetivo de pesquisa remete-nos a alguns momentos de interconexão e de ressonâncias do pensamento de Schopenhauer com a psicanálise de Freud, começando pela questão da loucura. Em *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer discorre sobre a idéia de que a “loucura” emana da necessidade de esquecer experiências dolorosas adjacentes da realidade, tais como “violentas dores morais” e “acontecimentos terríveis” (Schopenhauer 2001, p. 203). Por vias transversas, esse pensamento sobre a loucura se coaduna com o conceito de recalque de Freud, uma vez que este concebe que a essência do recalque consiste em afastar da consciência um determinado devaneio, evento ou percepção que seja desprazerosa para o indivíduo (Freud 1997, pp. 15-6). Ambos os pensadores acreditam que o inconsciente inclui mecanismos dissipantes de memórias traumáticas.

Para Schopenhauer, o mecanismo da loucura advém quando um acontecimento extremamente árduo e angustiante para o indivíduo chega a atingir o seu limiar de tolerância e, como resposta, a sua natureza recorre à loucura como “último recurso” para cessar essas dores. Assim “o espírito torturado rompe, por assim dizer, o fio da sua memória” (Schopenhauer 2001, p. 203), permitindo ao indivíduo resgatar temporariamente sua integridade mental. Essa amnésia parte de um conflito entre a vontade e o intelecto e, se algum conteúdo for doloroso para a Vontade, esta evita que o intelecto tome consciência de tal conteúdo. Desse modo, na concepção schopenhaueriana, a loucura teria, funcionalmente, um papel diminutivo em conflitos análogos aos postulados por Freud. Assim, sintomaticamente,

a doença atuaria por intermédio de uma necessidade mental para poder esquecer lembranças dolorosas que tem como seu objetivo eliminar angústias.

Na visão freudiana, utilizam-se mecanismos de defesa como uma resposta natural da estrutura psíquica para a eliminação de tal angústia. Essa reação poderia emergir através de um ganho primário, em que a redução da tensão e do conflito dar-se-ia através de uma doença neurótica ou histérica. Todo esse processo, que tem sua chave no recalque, ocorre quando um conteúdo representativo oriundo do consciente permuta para o inconsciente; como consequência, converte-se em uma patologia, com o objetivo de preservar a segurança do conjunto do aparelho psíquico. Tanto Freud quanto Schopenhauer enfocam a vantagem de uma sintomatologia apresentada na forma de doença, pois essa conversão seria uma reação para preservar a individualidade. Enfim, Freud sustenta que as manifestações somáticas são mais toleráveis ao aparelho psíquico de modo inconsciente do que as dores morais resgatadas pelo consciente (Raikovic 1996, p. 104).

Ao discorrer sobre a questão da Vontade, podemos perceber que Schopenhauer concebe-a como a coisa em si, representando a essência subjacente ao mundo. Por conseguinte, o mundo das representações ou fenomênico pode ser considerado simultaneamente como vontade. A vontade humana é o fenômeno mais claro da Vontade (*Wille*), porém, na vontade humana há participação do intelecto. Schopenhauer irá transpô-la para uma dualidade entre Vontade e Intelecto, em que o intelecto consciente e racional está subordinado a uma vontade inconsciente e volitiva (Schopenhauer 2001). Partilhando dessa mesma visão dualística, Freud irá transcrever essa dualidade em Consciente-Inconsciente, do mesmo modo que Schopenhauer estabelecerá uma oposição entre cognoscível-incognoscível. Ambos os autores postulam, em suas teorias, instâncias que descrevem o conjunto de conteúdos que não participam do campo composto pela consciência. Freud denomina essa instância Inconsciente, que se dinamiza através de uma pulsão, enquanto, para Schopenhauer, essa mesma instância é denominada Vontade. Freud admite como

precursora a ênfase na sexualidade postulada por Schopenhauer (Cacciola 1991), quando este sustenta que a sexualidade é a principal manifestação da Vontade, cuja meta é a perpetuação da espécie.

Além disso, Schopenhauer, neste caso de acordo com Kant, sustenta que “a vontade é a coisa em si, estranha ao tempo” (Schopenhauer 2001, p. 307). Essa proposição kantiana sustenta que o espaço, o tempo e a causalidade não convêm à coisa em si, mas são apenas formas do conhecimento, o que nos leva a pensar que esses princípios, possivelmente, ecoaram na formulação do Inconsciente freudiano.

Pode-se perceber, ainda, que a relação de Freud com a filosofia foi, de certo modo, conturbada. Exemplo disso é sua afirmação de que a filosofia nunca revelou teorias que fugissem do âmbito da consciência. Entretanto, na História da Filosofia, não faltam alusões de campos inconscientes que escapassem de uma percepção consciente. Na concepção de Freud, essas reflexões, tidas como abstrações filosóficas, não compartilham os propósitos psicanalíticos, cuja acepção era a de criar uma psicologia natural-científica (Freud 2001, p. 27). Porém, o fato de Freud propor a criação de uma psicologia baseada nos moldes empíricos, em conjunto com suas aspirações científicas, não descarta a importância da filosofia para dar vivacidade a seus apontamentos teóricos abstratos.

Primordialmente, a idéia schopenhaueriana sobre a loucura aparenta ter sua raiz apenas em especulações filosóficas, por se tratar de uma teoria não concisa e devidamente sistematizada para os padrões positivistas. Contudo, com base em documentos históricos resgatados por Zentner, foi possível constatar que o fator que contribuiu para Schopenhauer fundamentar seu pensamento sobre a loucura deu-se através de sua experiência empírica, ao entrar em contato com pacientes da ala psiquiátrica do hospital Charité, em Berlim, o qual Schopenhauer passou a freqüentar constantemente em 1811 (Neves, 2002). Em *O Mundo como vontade e representação*, é possível encontrarmos indícios desse contato com pacientes do hospital, quando ele afirma: “visitei freqüentemente casas de alienados e encontrei aí sujeitos de um incontestável valor; o seu gênio

manifestava-se distintamente através da sua loucura; mas neles a loucura tinha permanecido completamente dominante” (Schopenhauer 2001, p. 201).

Dentre os vários estudos existentes sobre a relação entre Freud e Schopenhauer, interessa-nos neste texto discutir Zentner, pela forma polêmica com que esse autor compara o trabalho de ambos. Ao tratar de questões sobre a gênese da psicanálise, Zentner considera que, exceto o método clínico, os principais conceitos postulados por Freud já tinham sido adiantados nas obras de Schopenhauer. Afirma ainda que, através das idéias precursoras de Schopenhauer, Freud apenas utilizou um tipo de exegese do pensamento schopenhaueriano, com o intuito de sistematizar tais idéias para o espírito positivista vigente em sua época (ibid., p. 201).

Todavia, é preciso dizer que não se objetiva, neste trabalho questionar a originalidade da psicanálise, como o fez Zentner. Pretendemos, isso sim, investigar o caminho que, possivelmente, levou Freud a desenvolver a psicanálise com as contribuições das idéias de *O mundo como vontade e representação*, permitindo-lhe criar uma nova perspectiva de terapia que trabalhasse com as profundezas da psique. As diversas citações de Freud a Schopenhauer permitem aproximá-los; entretanto, como chama a atenção Cacciola, ao realizar essa aproximação, deve-se focar que a filosofia e a psicanálise são diferentes ramos do conhecimento (1991, pp. 14-5). Da mesma forma, para Mezan, essa ciência proposta por Freud “possui um objeto próprio, o inconsciente e suas leis; uma metodologia específica, a interpretação do discurso dos pacientes na situação analítica” (Mezan 1982, p. 34). Nesse sentido, não devemos ignorar que a principal proeza das descobertas científicas de Freud, que chocaram a humanidade tanto quanto as de Darwin e Copérnico, foi a sua incomparável obstinação em desmistificar uma área de ordem oculta e obscura: o inconsciente e as interpretações de seus conteúdos.

Metodologia

Uma vez expostos os objetivos deste trabalho (que como dissemos no início apresenta-se ainda em grande parte como projeto a ser desenvolvido), trata-se agora de explicitar a metodologia que possa viabilizar a consecução dos mesmos.

Numa aproximação inicial, testaremos um modelo epistemológico explicitado inicialmente pelo médico italiano e crítico de arte Giovanni Morelli, entre 1874 e 1876, que ganhou evidência em um conhecido artigo de Carlo Ginzburg, publicado pela primeira vez na Itália em 1986.¹

Em linhas gerais, na forma como foi sistematizado por Ginzburg, o método consiste em examinar uma obra de arte baseando-se, não como normalmente se faz, nas características mais vistosas, portanto, mais facilmente imitáveis dos quadros. Pelo contrário, seria necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés (Ginzburg 1989, pp. 144-5).

Da obra de arte, o método ganha pertinência para a psicanálise (e daí o seu interesse para nossas reflexões) quando Freud comenta o trabalho de Morelli com bastante entusiasmo, declarando que o seu método está bastante aparentado ao que ele próprio fazia. O psicanalista, tanto quanto o crítico de arte, diz Freud, têm por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou despercebidos, dos detritos ou “refugos” de nossa observação (Ginzburg 1989, pp. 147-50).

Dessa forma, ao pesquisarmos as ressonâncias do pensamento de Schopenhauer na teoria psicanalítica de Freud, cotejando a teoria da loucura e da vontade do primeiro com a teoria do recalque e do inconsciente do segundo, isso será feito com um olhar orientado pelo método indiciário sistematizado por Ginzburg.

¹ A edição brasileira aparece em 1989. Cf. Ginzburg 1989.

Podemos concluir, então, que, com base nessa orientação metodológica, o procedimento da pesquisa será o de valorizar menos as insistentes afirmações de Freud, denegando sistematicamente a influência de Schopenhauer e de outros filósofos em suas obras, e atentar mais para o exame de pormenores negligenciáveis, pouco notados e despercebidos, mas que poderiam levar à identificação da influência de alguns aspectos da filosofia, determinando os fundamentos lógicos da psicanálise.

Referências

- Cacciola, Maria L. M. O. 1991: "Schopenhauer e o inconsciente". In: Knobloch, Felícia (org.) 1991: *O inconsciente – várias leituras*. São Paulo, Escuta.
- Freud, Sigmund 1997: *O ego e o id*. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. 2001: *Esboço de psicanálise*. Tradução de Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro, Imago.
- Ginzburg, Carlo 1989: *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Mezan, Renato 1982: *Sigmund Freud – a conquista do proibido*. São Paulo, Brasiliense.
- Rothe-Neves, Rui e Neves, Antonio F. das 2002: "Freud e o esquecimento de Schopenhauer em *Die Flucht ins Vergessen*, de Marcel Zentner". *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 15, n. 2, pp. 461-4.
- Raikovic, Pierre 1996: *O sono dogmático de Freud*. Tradução de Teresa Resende. Rio de Janeiro, Zahar.
- Schopenhauer, Arthur 2001: *O mundo como vontade e representação*. Tradução de M. F. Sá Correia. Porto, Rés.
- Zentner, Marcel 1995: *Die flucht ins vergessen: die anfänge der psychoanalyse freuds bei schopenhauer*. Darmstald, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.